

A MATERIALIDADE DO NEOLIBERALISMO E MERCANTILIZAÇÃO DOS CORPOS EM RELAÇÕES DE FORÇA E DOMINAÇÃO: BREVES APONTAMENTOS

*THE MATERIALITY OF NEOLIBERALISM AND THE COMMERCIALIZATION OF BODIES IN
RELATIONSHIPS OF STRENGTH AND DOMINATION: BRIEF NOTES*

Lucélia Cristina Brant Mariz Sá

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: luceliabrantmariz@gmail.com

João Vítor Sampaio de Moura

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: contatomourajvs@gmail.com

Alessandra Ribeiro Queiroz

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: alessandra.qroz@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v3i1.152>

Recebido em: 02.07.2022

Aceito em: 26.07.2022

Resumo: Atualmente vivemos envoltos em situações adversas que fazem com que as pessoas se sintam mobilizadas e, de alguma maneira, alterem suas rotinas e busquem novas estratégias de vida que podem remeter aos comandos do neoliberalismo e da mercantilização dos corpos. Nesse sentido, este artigo analisa a materialidade do neoliberalismo construído a partir da imagem do *selfie*, dos processos de leitura e do trabalho precarizado. Utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa interpretativa, com a contribuição, especialmente, dos autores Dardot; Laval (2016), Santos (2020), Oliveira; Sampaio (2018), Feitosa (2017), Pochmann (2016) e Antunes (2018), dentre outros. Os três aspectos apresentados se relacionam numa mesma perspectiva neoliberal, intensificada nos últimos anos pelo isolamento social, que mercantiliza os corpos numa relação de força e dominação. Os resultados dessa investigação interpretativa nos levam a práticas que, possivelmente seriam experimentadas como atos de liberdade e autonomia, contudo, camuflam tentativas de materializar e manter o controle dos indivíduos.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Imagem do *selfie*. Processos de leitura. Trabalho precarizado.

Abstract: We currently live in adverse situations which make people feel mobilized and, somehow, change their routines and seek new life strategies that can refer to the commands of neoliberalism and the commodification of bodies. In this sense, this article analyzes the materiality of neoliberalism constructed from the image of the selfie, reading processes and precarious work. We used interpretative qualitative research as a methodology, with the contribution, especially, of the authors Dardot; Laval (2016), Santos (2020), Oliveira; Sampaio (2018), Feitosa (2017), Pochmann (2016) and Antunes (2018), among others.



The three aspects presented are related in the same neoliberal perspective, intensified in recent years by social isolation, which commodifies bodies in a relationship of strength and domination. The results of this interpretive investigation take us to practices that would possibly be experienced as acts of freedom and autonomy, however, camouflage attempts to materialize and maintain control over individuals.

Keywords: Neoliberalism. Selfie picture. Reading processes. Precarious work.

1 Introdução

Em decorrência das mudanças ocorridas nos últimos anos, o comportamento humano tem passado por situações adversas que levam às constantes mudanças e reações variadas. Imbricado a isso, surgem relações de força e dominação, camufladas pelo neoliberalismo, em materialidades diversas. Visando analisar tais materialidades, podemos entender o neoliberalismo como “um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7). Ele surge como uma espécie de doutrina do capitalismo, sem intervenção do Estado, tendo uma total liberdade de comercialização e assim “define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da modernidade” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

No Brasil, o neoliberalismo surgiu nos anos noventa com as políticas do Estado com a sociedade, principalmente no que se refere ao mundo do trabalho e do mercado financeiro, com a defesa da abertura do mercado globalizado, durante os governos de Fernando Collor de Mello e se consolidou no governo de Fernando Henrique Cardoso. Para, Tavares e Melin afirmam:

o Brasil foi o último dos países latino-americanos, já no começo da década de 1990, a entrar nesse circuito de submissão às políticas de liberalização financeira e comercial e de desregulamentação cambial com o objetivo de atrair recursos externos, a qualquer custo, inserindo-se de forma subordinada no novo quadro financeiro mundial. (TAVARES; MELIN, 1998, p. 51).

Assim, podemos compreender como o neoliberalismo tem força sobre a sociedade em que vivemos, aumentando as desigualdades sociais, o desemprego, entre outras questões e, dessa forma, “quando inspira políticas concretas, nega-se como ideologia, porque ele é a própria razão” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 242).

Dito isso, neste trabalho, discutiremos, em breves considerações, como o neoliberalismo tem afetado diferentes setores, mais especificamente, na imagem do *selfie*, nos processos de leitura e no trabalho uberizado. Acreditamos que a análise em diferentes *corpus* que estiveram em evidência na sociedade brasileira nos últimos anos, seja de grande importância para conseguir entender a dinamicidade que envolve o neoliberalismo.

Para auxiliar a análise dispomos da contribuição dos autores Dardot; Laval (2016), Santos (2020), Oliveira; Sampaio (2018), Feitosa (2017), Pochmann (2016) e Antunes (2018), que contribuem na compreensão sobre os processos que a nossa sociedade tem enfrentado com o neoliberalismo vigente. Valemo-nos do *corpus* da pesquisa para exemplificar as imbricações do neoliberalismo no dia a dia. Para tanto, utilizamos postagens em redes sociais que remetem à lógica do capital nas relações da sociedade. Iniciamos com os *selfies* postados nas mídias, em contextos diferentes, os quais normalizam a vida cotidiana e propagam os padrões do neoliberalismo entre

as pessoas, numa utopia de beleza e sucesso.

Por conseguinte, o *corpus* analisado é uma sequência de oito livros que apresentam conteúdos consistentes na prosperidade pessoal, por meio do capital e da concorrência entre as pessoas. Utilizamos ainda, uma recriação da obra de Tarsila do Amaral para discutir a precarização do trabalho de entregadores na área de *delivery*. Diante dos *corpora*, analisamos o materialismo neoliberal e discutimos a interferência dele nos diversos setores da sociedade como na área da economia, política e educação.

Dessa forma, este trabalho se inicia na seção “A imagem do *selfie* na sociedade neoliberal”, fazemos a análise de como o *selfie* influencia o neoliberalismo, para tanto, utilizamos imagens de *selfies* em contextos e épocas diferentes. Na seção “A formação do capital humano pelos processos de leitura” discutimos como o ensino, relacionado ao capitalismo vigente, entre o sucesso e o fracasso, influencia a vida do ser humano, para isso, analisamos uma sequência de fotos de uma publicação de um Instagram, mais especificamente, do perfil *@extraordinaria_mente*.

Por conseguinte, na seção “O trabalho precarizado no século XXI: o processo de uberização”, analisamos como os trabalhadores de aplicativo sofrem no processo de uberização e, para isso, usamos como análise, a ilustração de um perfil do Instagram, denominado *@crisvector*. Encerramos o trabalho com as “Considerações Finais”, a qual realizamos um possível fechamento dos temas aqui tratados, os quais se apresentam de forma a mercantilizar os corpos, por meio de padrões preestabelecidos pela sociedade.

2 A imagem do *selfie* na sociedade neoliberal

Nesta seção, discutiremos como a questão do *selfie* é tratada do ponto de vista neoliberal. Nisso, vale lembrar que o *selfie* é um autorretrato, ou seja, uma foto de si mesmo, que é registrada pelas mãos da própria pessoa que aparece no retrato e pode ser feito sozinho ou com um grupo de amigos, até mesmo, com pessoas famosas.

Observamos que, a grande parte dos *selfies* que viralizam na internet são com celebridades, como por exemplo, o *selfie* que foi tirado na premiação que acontece todos os anos nos Estados Unidos, sendo considerado o prêmio mais importante do cinema mundial, o Oscar de 2014. Ao verificarmos o perfil no *Twitter* da celebridade Ellen DeGeneres, verificamos mais de três milhões de compartilhamentos e dois milhões de curtidas. A imagem (DEGENERES, 2014) contém os seguintes famosos, da esquerda para a direita: Jared Leto, Jennifer Lawrence, Meryl Streep, Ellen DeGeneres, Bradley Cooper, Peter Nyong’o Jr., Channing Tatum, Julia Roberts, Kevin Spacey, Brad Pitt, Lupita Nyong’o e Angelina Jolie.

Agora, no que diz respeito ao surgimento do *selfie*, um fato curioso é que, supostamente, segundo o *site* Hypheness, a primeira ocorrência foi feita por Robert Cornelius, em 1839 (HYPENESS, 2014). No autorretrato, Cornelius aparece, provavelmente, de casaco e com um semblante sério estampado no rosto. A imagem possui um tom sépia, cor encontrada principalmente em fotos mais antigas, por não possuírem recursos tecnológicos avançados para fotografia ou pode aparecer nos dias atuais como um efeito especial para transmitir a impressão de uma imagem mais antiga.

Sobretudo, em 2017, viralizou um tuíte de uma *socialite*, modelo e empresária norte-

americana, Paris Hilton, que diz: “Hoje, 11 anos atrás, eu e Britney inventamos a selfie!” (HILTON, 2017, tradução nossa). Na postagem de Hilton foram registradas duas *selfies*. Neles, Hilton aparece de camiseta regata cinza, uma tiara preta e com a cantora norte-americana Britney Spears, que está de camiseta de manga longa. Ambas sorridentes.

Em meio a toda essa história, destacamos a influência que a sociedade neoliberal tem exercido à imagem do *selfie*. Em nosso entendimento, o neoliberalismo costumava estar mais evidente no setor financeiro de ocupações, especialmente na prática de corretagem de valores, jogo de azar, como o pôquer etc. Entretanto, as mídias sociais têm se tornado uma característica normalizada da vida cotidiana, fazendo com que o neoliberalismo esteja presente também nesses meios. Nesse sentido, Dardot; Laval (2016) explicam que o neoliberalismo não é só uma ideologia, é um sistema normativo que, conseqüentemente, devido às influências da sociedade que recebe, amplia a lógica do capital a todas relações e esferas da vida.

A individualidade neoliberal é especialmente discernível, bem como nos estilos de vida, aspirações e frustrações dos ingressantes nas indústrias criativas do *selfie*, um fenômeno bem interessante que envolve boa parte da população na busca individual de se tornar um empreendedor que vai além da realização profissional, mas também da realização completa de si mesmo, por meio da promoção do *selfie*. Essa promoção se dá pelos corpos que são expostos para o registro da foto, ou seja, configurando-se em uma corporeidade neoliberal. Partindo dessa premissa, para Dardot; Laval (2016), isso constitui uma produção de imagem contundente da pessoa que se autopromove e se define como um neo-sujeito, que funciona segundo um regime de gozo de si mesmo.

As principais fontes ideológicas, suposições e as conjunturas do processo transformador da percepção de si, na sociedade neoliberal, são identificáveis e relacionáveis às suas implicações para a individualidade, dentro de uma estrutura ampla de um materialismo cultural. Nossa reflexão baseia-se numa tipificação ideal do *selfie* neoliberal, enfatizando como o neoliberalismo, com a ajuda de celebridades e indivíduos bem-sucedidos, induz a conduta das gerações posteriores. Sobre essa questão, os autores explicam:

O que está em jogo é nada mais nada menos do que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da modernidade. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

Dessarte, a definição de padrões preestabelecidos pelo neoliberalismo e a circulação desses arquétipos nos meios de comunicação, especialmente nas redes sociais, concede ao sujeito uma referência para que constitua sua própria formação, imbricada nos indicadores neoliberais, numa utopia de liberdade e sucesso, como uma concepção de escolha. Nesse sentido, todas as condutas se tornam equivalentes às práticas dentro do mesmo plano de racionalidade de investimento, diferindo apenas nos retornos que geram, inclusive nos processos de leitura, que falaremos no próximo tópico.

3 A formação do capital humano pelos processos de leitura

Nos últimos anos, o mundo tem vivido dias de grandes incertezas, ocasionados pela expansão de doenças, conflitos e crises naturais que trouxeram consequências devastadoras, especialmente para a economia de países subdesenvolvidos, como o Brasil. Esta situação gerou inquietações e imprecisões na sociedade em geral, influenciando na vida das pessoas de maneira significativa em patamares extremos. Podemos citar como exemplo de situações adversas, a pandemia da COVID-19, que desencadeou transformações e levou a população ao isolamento social.

As incertezas e o distanciamento social demandaram das pessoas outras maneiras de direcionar o tempo, o que ocasionou o aumento considerável e gradual na venda de livros, especialmente durante a pandemia. Segundo o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), “o mercado de livros nacional encerrou o primeiro semestre do ano com venda de 28 milhões de exemplares, o que representa alta de 48,5% em relação aos 18,9 milhões vendidos no mesmo período de 2020” (GANDRA, 2021). O SNEL reconhece que a pandemia deixou o setor livreiro mais ativo.

Corroborando com o disposto, Santos (2020) entende que as situações excepcionais de crise nos permitem conhecer ou relevar coisas diferentes. Sendo assim, a crise atual vem determinando novas estratégias e mecanismos para a sociedade se recompor, o que torna necessário também refletir sobre a cultura neoliberal como produto que sustenta as relações de poder em processos de leitura, tendo em vista o aumento significativo de vendas de livros nos anos de 2020 e 2021.

Nessa ótica, o neoliberalismo se sustenta num contexto histórico de crises, mantendo o controle sobre as pessoas, com uma perspectiva única que sugere a liberdade e competência individual pelos resultados. Para traçar as discussões sobre a influência do neoliberalismo nos processos de leitura, entre as muitas imersões que encontramos nas propagandas em geral, selecionamos uma postagem do Instagram com o nome de usuário @extraordinaria_mente.

O perfil foi criado em 18 de junho de 2018 e, atualmente, possui 1,1 milhões de seguidores, tendo como objetivo a criação de uma mente extraordinária. Postagens listadas na conta, geralmente remetem à busca contínua do ser humano por uma vida melhor, sendo exclusivamente dele a responsabilidade por ser bem-sucedido. Anuindo a isso, a postagem escolhida para análise apresenta nove janelas, sendo que a primeira delas traz a informação de “8 livros que todo mundo deveria ler”, na sequência aparecem sugestões de oito livros que se baseiam na prosperidade pessoal por meio do capital, sendo elas as obras: Pai rico e pai pobre, de Robert T. Kiyosaki; Quem pensa enriquece, de Napoleon Hill; A arte da guerra, de Sun Tzu; Comece pelo porquê, de Simon Sinek; O mito do empreendedor, de Michael E. Gerber; A única coisa: o foco pode trazer resultados extraordinários para sua vida, de Gary Keller e Jay Papasan; O poder do hábito: por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios, de Charles Duhigg; 12 regras para a vida: um antídoto para o caos, de Jordan B. Peterson (LOEPS, 2021).

Considerando os livros, apresentados como *corpus* da análise, entendemos que eles ressaltam conceitos neoliberais, tais como: os ensinamentos dos pais ricos aos seus filhos, mudança de hábitos que leva à riqueza, como grandes líderes inspiram pessoas, empreendedorismo, como se desvencilhar das crises e do caos. Esses temas nos remetem a Dardot; Laval (2016) ao

reconhecerem que no neoliberalismo, as crises não são uma ocasião para limitar-se, mas um meio de prosseguir cada vez com mais vigor sua trajetória de ilimitação, superando e sobressaindo em todos os momentos. Ainda, nesse sentido, os autores descrevem:

Essa ilimitação impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16).

Sendo assim, o neoliberalismo se define com discursos e práticas que prezam pela concorrência entre os homens, sem que haja espaço para outras regras e direitos, ele “produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” (Dardot; Laval, 2016, p. 16) e coloca em prova as relações sociais existentes, especialmente quando estão à tona o desemprego, a precariedade e as dívidas.

Nesse contexto, o neoliberalismo “forma o capital humano através da escolarização, da formação profissional, mas também através de estímulos culturais” (OLIVEIRA; SAMPAIO, 2018, p. 173). O julgamento daqueles que não conseguiram ser bem-sucedidos pelos que permanecem na tentativa, acaba agregando opiniões divergentes e conflitantes.

Feitosa (2017) nos apresenta a questão do homem empreendedor de si, que idealiza uma nova forma estética divulgada nos meios de comunicação. Essa nova forma é apresentada por meio de “ideias, modelos de corporeidades, semblantes e aparências”, trazendo um indivíduo multifacetado, que desempenha várias atividades, é “ambicioso, agendado, meritocrata e amante de seu trabalho, protegido por um discurso educacional e trabalhista amplamente integrador” (FEITOSA, 2017, p. 13). Esse indivíduo é pensado pelo sistema como possibilidade de investimento e não mais como potencial consumidor. Para o autor, Feitosa aponta:

a vida bela e boa não estaria no mero consumismo compulsório de prazeres distrativos sensorio-corporais, mas na abertura desse indivíduo liberal para o aperfeiçoamento e o enriquecimento de si, especialmente a partir de uma transição cuidadosa entre um paradigma capitalista da quantidade para um paradigma capitalista da qualidade. (FEITOSA, 2017, p. 16).

Feitosa desenvolve uma discussão sobre as relações emanadas da política capitalista neoliberal e a nossa capacidade de estranhar o que vem acontecendo, o que nos faz transformadores da realidade ou reprodutores de uma dada ordem de coisas. Nessa perspectiva, a realidade atual, imbricada na política neoliberal nos faz acreditar que “quem não aceita enfrentar o risco de estar sempre se atualizando se torna o fracassado” (FEITOSA, 2017, p. 19), daí surge a necessidade do sujeito empreendedor de si, os quais os livros, *corpus* da análise, sugerem.

Por fim, essa situação se torna “propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI” (SANTOS, 2020, p. 29). Para tanto, é preciso substituir o sentimento de arrogância e autossuficiência pela sensibilização e diálogo, a fim de comedir as ações neoliberais que aprisionam e faz das pessoas escravos do sistema, seja pela busca da aparência perfeita nas imagens de selfie, pelos processos de leitura que nos transformam em empreendedores de nós mesmos ou pelo trabalho precarizado da uberização, que veremos adiante.

4 O trabalho precarizado no século XXI: o processo de uberização

Com a globalização e o avanço da tecnologia, houve mudanças na relação de trabalho, como a diminuição do trabalhador para operar as novas ferramentas tecnológicas e o avanço do capitalismo que possibilitou o agravamento das desigualdades, surgindo assim, desemprego que obrigou muitas pessoas a trabalharem informalmente e de maneira precarizada. Nesse sentido, o avanço da tecnologia possibilitou a conexão global entre os países, o que promove novas formas de capital humano e aumento da divisão de classes. De acordo com Bauman:

A globalização deu mais oportunidades aos extremamente ricos de ganhar dinheiro mais rápido. Esses indivíduos utilizam a mais recente tecnologia para movimentar largas somas de dinheiro mundo afora com extrema rapidez e especular com eficiência cada vez maior. Infelizmente, a tecnologia não causa impacto nas vidas dos pobres do mundo. De fato, a globalização é um paradoxo: é muito benéfica para muito poucos, mas deixa de fora ou marginaliza dois terços da população mundial. (BAUMAN, 1999, p. 69).

Observamos que, a partir da globalização, as pessoas de classes privilegiadas utilizam as tecnologias para movimentar o dinheiro, enquanto que, para as classes menos favorecidas, não causa tanto impacto. Com a revolução tecnológica, novas relações de trabalho surgiram, convergindo com o sistema neoliberal. Esse sistema defende a não intervenção do Estado nas relações das empresas privadas, passando a constituir a ligação do capitalismo, baseada no consumismo e na exploração da classe trabalhadora, voltada apenas para o lucro das grandes e médias empresas.

Nesse sentido, Soares Filho (2007) compreende o sistema neoliberal como uma livre iniciativa que pode gerir a sociedade mais que o Estado, no entanto esse sistema possibilita a precarização dos direitos dos trabalhadores, concentração de renda, inexistência de leis trabalhistas e o aumento da desigualdade, levando a exploração da força de trabalho do proletariado, que dispõe de sua força de trabalho como a sua própria mercadoria, recebendo baixos salários sem garantia trabalhista. Colaborando para essa discussão, Dardot; Laval expõem:

Se a ordem econômica keynesiana e fordista repousava sobre a ideia de que a concorrência entre empresas e entre economias capitalistas deveria ser enquadrada por regras fixas comuns no que diz respeito a taxas de câmbio, políticas comerciais e divisão de renda, a nova norma neoliberal instaurada no fim dos anos 1980 exige a concorrência em regra suprema e universal de governo. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 197).

Sendo assim, a lógica neoliberal ocorre por meio da expansão e competição do mercado, possibilitando que a subjetividade seja controlada a partir da concorrência permanente. A concorrência na lógica neoliberal ocorre pela revolução tecnológica que trouxe conexões e expansão de informações que possibilitaram a celeridade dos dados e o crescimento da criatividade da população por meio da tecnologia.

De acordo com Pochmann (2016), essa expansão e crescimento traz o movimento da desregulamentação e políticas de cortes do sistema neoliberal. Assim, os setores da economia trazem novas formas de ofertar os bens e serviços, como por exemplo, o compartilhamento de carros, locais para hospedagem e entrega de alimentos, assim, surge a nova economia de compartilhamento.

Para Botsman e Rogers (2011), a economia de compartilhamento surgiu no início dos séculos XX e XXI, período em que o consumo cresceu exorbitantemente. As pessoas desejam mostrar a sua riqueza, estimulando o consumo pela autopropaganda e não pela utilidade. Assim, a economia do compartilhamento segue em constante crescimento e o mercado de trabalho sofre com a chamada uberização. Davis (2016) designa a uberização como a nova forma de negócio colaborativo da contemporaneidade a qual empresas sem empregados locam mão de obra, sem a necessidade de se ater às leis trabalhistas.

A empresa multinacional americana Uber chegou ao Brasil em 2014 oferecendo serviços de viagens e comidas, por meio de aplicativo de transporte, sendo a pioneira nessa nova modalidade de negócio (UBER BLOG, 2018), por isso, o serviço ficou conhecido como “uberização”. A partir da empresa Uber, os serviços e as novas relações de trabalho se expandiram para outras companhias como, por exemplo, o Rappi, que, por meio do aplicativo, entrepõe a entrega de produtos oriundos de restaurantes, padarias, floriculturas, supermercados, farmácias e outros. Podemos citar ainda, como exemplo, o iFood que também faz uso do aplicativo para realizar a entrega de alimentos. Os seus entregadores realizam o trabalho utilizando motos, bicicletas, patinetes, dentre outros.

As empresas são intermediárias das relações de trabalho e se eximem da responsabilidade, o que torna esse tipo de trabalho precarizado para aqueles que o utilizam como fonte de renda. As pessoas que utilizam esse aplicativo como meio de trabalho assumem toda a responsabilidade durante a prestação do serviço, seja no deslocamento de pessoas e/ou mercadorias, o que torna este tipo de trabalho precarizado. Antunes (2018), identifica esse tipo de instituição como moderna e mais flexível, porque não possui jornadas de trabalho determinadas, contudo, não há espaço definido para realizar as atribuições, remuneração fixa, direitos previstos na legislação trabalhista ou proteção sindical.

Para exemplificar essa nova forma de trabalho, analisamos a ilustração de Cristiano Siqueira, postada no Instagram @crisvector, que atualmente possui 93 mil seguidores. O ilustrador traz em sua página, imagens das notícias da atualidade sob sua ótica. O artista fez uma releitura do quadro “Operários” de Tarsila do Amaral, e a intitulou de “Empreendedores”. O quadro foi a primeira obra de conotação social explícita da pintora. Após viagem a Moscou, a artista voltou sensibilizada com a causa operária e, essa obra retrata a classe trabalhadora da cidade de São Paulo, com rostos diversos colocados lado a lado e semblantes que aparentam seriedade e preocupação, devido ao trabalho duro das fábricas e condições precárias (BASE SOMA, 2021).

Siqueira, autor da ilustração “Empreendedores”, por meio da releitura do quadro da pintora, expõe a imagem de vários rostos de motoristas de aplicativos, com feições sérias, retratando a uberização, sem condições mínimas de trabalho (SIQUEIRA, 2021). A uberização segue com a expressão “empreendedor”, o qual é difundido nas relações entre capital e trabalho a ideia de não haver subordinação e serem empreendedores de si próprios.

De acordo Dardot; Laval (2016), empreendedores de si surgem com novos modos de subjetivação, os quais são formulados por meio de uma racionalidade neoliberal e se apresentam como o “sujeito empresarial”, “sujeito neoliberal” ou simplesmente “neossujeito”, os quais se submetem a competição, o aumento dos resultados e assumem as responsabilidades e fracassos.

A precarização do trabalho devido a uberização se difundiu com a pandemia da COVID-19, uma vez que houve o aprofundamento das desigualdades devido a demissão de

vários profissionais, e o cadastro nos aplicativos foi uma alternativa em meio à pandemia. De acordo com Manzano; Klein (2020), com a pandemia houve o aumento de ingressos no mercado de trabalho de entregador, sendo a maioria jovens. Os autores acrescentam ainda que o total de pessoas empregadas, até 29 anos, era de 25,5% e, ao mesmo tempo, a porcentagem dos entregadores nesta mesma faixa etária era de 40%. Observamos que a uberização aumentou com a pandemia, trazendo a precarização do trabalho, devido a divulgação da ideia de flexibilidade nos serviços e de serem empreendedores de si.

Antunes (2018) expõe que a uberização do trabalho divulga a ideia do “empreendedorismo”, e as pessoas sentem-se esperançosas de serem empreendedoras, não sabendo qual será o desfecho dessa atuação. Logo, notamos que a pandemia acelerou as transformações sociais que já vinham sendo construídas, trazendo o processo precário de uberização, desprovido de regulamentação que favoreça o trabalhador.

5 Considerações finais

Santos (2020) vislumbra que toda essa realidade que vivenciamos na pandemia da COVID-19, tornou possível rever as alternativas que são sobrepostas ao modo de viver, produzir, consumir e conviver. O autor afirma que é muito provável que as pessoas estejam ansiosas para ver o mundo como elas um dia o conheceram, para poder se mover livremente, haja vista que as pessoas constroem sua identidade se relacionando com o meio externo, num movimento dialógico. Entretanto, o que toda vida humana deve perceber é que viver em plena harmonia com outras vidas no planeta é fundamental para a sua própria sobrevivência, e a mercantilização dos corpos não favorece o equilíbrio.

O sistema neoliberal, na tentativa de mercantilizar o corpo da sociedade capitalista e manter o controle dos indivíduos, submete as pessoas a situações de conflitos pessoais e sociais, em vistas à alienação dos indivíduos pelos padrões preestabelecidos pela sociedade. Essas práticas são experimentadas como escolhas e, muitas vezes camufladas como atos de liberdade e autonomia, sem levar em conta que elas fazem parte de um processo de materialização do neoliberalismo.

Neste sentido, esse artigo buscou analisar a materialidade do neoliberalismo, considerando a imagem do *selfie*, os processos de leitura e o trabalho precarizado, por serem campos que estiveram mais evidentes na sociedade brasileira nos últimos anos. Entendemos que a imagem do *selfie* mostrou um projeto estético remodelado pelo neoliberalismo que sacrifica a criticidade dos envolvidos, em busca individual de uma imagem perfeita, que esteja dentro dos padrões de beleza da sociedade. Além disso, os corpos expostos às fotografias transmitir o empoderamento e a realização completa de si, sugerindo um ser humano realizado por ser empreendedor de si.

Nos processos de leitura, veio à tona a formação do capital humano por meio da aprendizagem, o qual prevalece o binarismo sucesso e fracasso, dependendo apenas de si mesmo a escolha do lado certo. Os livros sugeridos para leitura, apesar de contribuírem para a prosperidade do sujeito, visam o aumento de capital e propagam a cultura neoliberal do sujeito como único responsável pelas suas vitórias e fracassos. Não consideram o contexto político-social o qual estamos inseridos e responsabilizam o sujeito, seus atos e omissões pela vida que leva, sugerem, por exemplo, que se trabalharmos e empreendermos, o sucesso certamente virá.

Contudo, é preciso considerar que tamanha altivez vem ao encontro de um sistema capitalista neoliberal que escraviza as pessoas sobreleva a desigualdade.

Complementando a análise da materialidade do neoliberalismo, temos o trabalho precarizado por meio da uberização, que por meio de uma releitura do quadro “Operários”, criou a imagem “Empreendedores”, retratando o trabalho uberizado cuja função cresce paralela ao avanço das plataformas digitais, da crise econômica e do desemprego e, assim como os demais, sugere um sujeito autônomo, empoderado, empreendedor e único responsável pelo seu próprio sucesso. O neoliberalismo afirma-se no processo histórico de construção estratégica, mantendo os princípios de controle que pressupõem a liberdade e responsabilidade de cada um pelos seus méritos ou desencantos.

Não temos a pretensão de ignorar a importância do sujeito engajado, feliz, com a autoestima elevada e amor próprio, mas propomos uma reflexão acerca da falsa impressão de realização pessoal que o neoliberalismo impõe. Entendemos que a conversão da perspectiva neoliberal deve estar pautada no diálogo, na polidez, na solidariedade e respeito frente às relações com o outro, a fim de engendrar um comprometimento crítico e ético na busca de dias mais justos, cujo amor a vida e ao próximo esteja acima dos valores de mercado.

Referências

- ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BASE SOMA. “Social 1933”. Tarsila do Amaral, 2021. Disponível em: <<http://tarsiladoamaral.com.br/obra/social-1933/>>. Acesso em: 25/08/2021.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1999.
- BOTSMAN, R.; ROGERS, R. *O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o nosso mundo*. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.
- CHIAVENATO, I. *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DAVIS, G. F. “What might replace the modern corporation? Uberization and the web page enterprise”. *Seattle University Law Review*, vol. 39, 2016, p. 501-515. Disponível em: <https://digitalcommons.law.seattleu.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=2314&context=sulr>>. Acesso em: 25/08/2021.
- DEGENERES, E. “If only Bradley’s arm was longer. Best photo ever”. Los Angeles, 03 de Mar. 2014. Twitter: @TheEllenShow. Disponível em: <<https://twitter.com/TheEllenShow/status/440322224407314432>>. Acesso em 08/08/2021.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FEITOZA, F. “A gestão do estranhamento e figuras de corporeidade na era estética do capitalismo”. *Comunicação Mídia e Consumo*, v. 14, n. 40, Agosto, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/319267400_A_Gestao_do_estranhamento_e_figuras_de_corporeidade_na_era_estetica_do_capitalismo>. Acesso em 24/07/2022.

GANDRA, A. “Venda de livros no primeiro semestre aumenta 48,5% em relação a 2020”. Agência Brasil [11/08/2021]. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-08/venda-de-livros-no-primeiro-semester-aumenta-485-em-relacao-2020>>. Acesso em: 11/09/2021.

HILTON, P. “11 years ago today, Me & Britney invented the selfie!” 19 nov. 2017. Twitter: @ParisHilton. Disponível em: <<https://twitter.com/ParisHilton/status/932325973046984712>>. Acesso em: 08/08/2021.

HYPENESS. “Nem Britney nem Paris Hilton. Essa foi a primeira selfie da humanidade.” Hypeness [03/05/2021]. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2019/05/nem-britney-nem-paris-hilton-essa-foi-a-primeira-selfie-da-humanidade>>. Acesso em: 08/08/2021.

LOPES, T. “8 livros que todo mundo deve ler”. Rio Grande do Sul, 16 jun. 2021. Instagram: @extra_ordinariamente. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQM03nkJBo9/?utm_medium=copy_link>. Acesso em: 25/06/2021.

MANZANO, M.; KREIN, A. “A pandemia e o trabalho de motoristas e de entregadores por aplicativos no Brasil”. REMIR – Trabalho [13/07/2020]. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/A_pandemia_e_os_motoristas_e_entregadores_por_aplicativo_MANZANO_M_KREIN_A_2020.pdf> Acesso em: 20/07/2021.

MINAYO, M. C. S. “O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica”. In: Guareschi, Pedrinho e Jovechelovitch, Sandra. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, R; SAMPAIO, S. S. “Neoliberalismo e Biopoder: o indivíduo como empresa de si mesmo”. *Textos & Contextos*. vol. 17, n. 1, jan./jul., 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/23483>>. Acesso em 20/07/2021.

POCHMANN, M. “A terceirização e a UBERização do trabalho no Brasil”. Blog da Boitempo [24/08/2016]. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/08/24/a-terceirizacao-e-a-uberizacao-do-trabalho-no-brasil/>>. Acesso em: 25/08/2021.

SIQUEIRA, C. Empreendedores. São Paulo, 04 maio 2021. Instagram: @crisvector. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/COdCUOKlg2G/>> . Acesso em: 27/08/2021.

SANTOS, B. S. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SOARES FILHO, J. *Sociedade pós-industrial e os impactos da globalização na sociedade, no trabalho, na economia e no Estado*. Curitiba: Juruá, 2007.

TAVARES, M. C; MELIN, L. E. *Mitos Globais e Fatos Regionais: a nova desordem internacional*. In: FIORI, J. L. *et al.* Globalização – O Fato e o Mito. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

UBER BLOG. Descubra o que é o Uber e saiba como ele funciona. Uber, 16 set. 2018. Disponível em: <<https://www.uber.com/pt-BR/blog/o-que-e-uber/>>. Acesso em: 28/08/2021.